

DIMENSÕES DO INCONSCIENTE NO CONTO “SONHOS DE ROBÔ”, DE ISAAC ASIMOV

DIMENSIONS OF THE UNCONSCIOUS
IN THE SHORT STORY “ROBOT DREAMS”,
BY ISAAC ASIMOV

*Richard Lazarini*¹

¹ mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: richard.lazarini@unesp.br.

RESUMO (RESENHA): ASIMOV, Isaac. *Sonhos de robô*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

PALAVRAS-CHAVE: Essência; *Id*; Inconsciente; Sonho; *Superego*.

ABSTRACT(REVIEW): ASIMOV, Isaac. *Robot Dreams*. New York: Ace Books, 1990.

KEYWORDS: Essence; *Id*; Uncounscious; Dream; *Superego*.

Isaac Yudovich Asimov (1920-1992), literato e bioquímico russo, escreveu mais de 500 obras de ficção, das quais algumas foram adaptadas à versão cinematográfica, a exemplo de *Eu, robô* (filme de 2004; contos de 1950) e *O homem bicentenário* (filme de 1999; contos de 1976), ambas exitosas em sua semiose fílmica. Ladeado pelo inventor britânico Arthur Charles Clarke (1917-2008) e pelo engenheiro estadunidense Robert Anson Heinlein (1907-1988), Asimov foi aclamado qual um dos mais importantes nomes da tríade autoral da literatura de ficção científica. Nos seus livros, ele perscruta variegadas áreas do conhecimento, dentre as quais a Robótica, de cujas três leis – planejadas por cientistas e por legisladores – é criador. Quanto às suas narrativas sobre robôs, Asimov (1991, p. 51-57) fala que as primeiras datam de 1939, e, em 1986, auxiliou na feitura duma antologia de seus contos, denominada *Sonhos de robô*, de cujo conto homônimo doravante trataremos.

O “Sonhos de robô” é narrado em terceira pessoa, num futuro altamente tecnológico, no qual as personagens Susan Calvin e Linda Rash, doutoras em Ciências Robóticas, testemunham, em ambiente laboratorial, um evento singular: o robô da categoria LVX-1, denominado “Elvex”, afirma sonhar. Ao haver descoberto que Linda havia aplicado um *software* de Geometria Fractal no cérebro positrônico do robô, Calvin a repreende, motivo pelo qual, em um gesto inconsciente, Rash esboça grande nervosismo num repetido abrir e fechar de mãos.

Asimov estabelece uma interessante dialética na caracterização de suas personagens, na medida em que, por exemplo, mostra a doutora Calvin norteando-se pela lógica científica e pelo cumprimento das normas, isto é, tendo como arcabouço a racionalidade e o legalismo. Seu rosto envelhecido é descrito como sendo “[...] vincado de rugas [...], pleno de sabedoria e experiência” (ASIMOV, 1991, p. 51), características que, segundo percepção asimoviana, indicam traços de uma vida dedicada a saberes científicos. E mais: a advertência que Rash recebe de Calvin revela que nesta prevalece o *superego*, conceito que, da maneira como formulado pelo neurologista e psicanalista austríaco Sigmund Schlomo Freud (1856-1939), define-se como elemento psíquico que responde pela execução das regras morais (FREUD, 2011, p. 33-35). Quanto ao caso de Rash, sua personalidade tem como traço psíquico dominante o *id*, que, conforme Freud (2011, p. 21-28), difere do *superego*, já que visa ao prazer ime-

diato dos instintos, com o fito de dominar a conduta do indivíduo, não o submetendo à moralidade. E isso, se aplicado à personagem Linda – cujo sobrenome é dado pela palavra inglesa *rash*, que, se usada como um adjetivo (em vez de substantivo antropônimo), significa “imprudente” –, mostra que ela não deu a seu *superego* o espaço para reprimir o inconsequente desejo de aplicar a Geometria Fractal no cérebro de Elvex. Entretanto, essa imprudência da cientista ilustra uma ideia original atinente ao uso de Geometria Fractal em um cérebro positrônico, que, por acidente, torna-se semelhante ao cérebro humano.

Mesmo tendo profunda vivência na área, Calvin se espanta diante da constatação de que Elvex sonhou, e isso permite a ela sentir “[...] um estremecimento *quase imperceptível*”, porque, inconscientemente, teme pelo desconhecido, pois que sonhar é próprio dos seres humanos; logo, como pode um não humano ter sonhado? Essa indagação põe em xeque a exclusividade humana relativa aos sonhos, o que instaura uma angústia existencial nas personagens – e não acharíamos estranho se também os leitores da narrativa se angustiassem.

No que se refere ao dissenso entre Calvin e Rash, vemos que ele cria sucintas expressões desprovidas de consciência, que traçam caminho para a principal e mais intrigante manifestação do inconsciente na narrativa: o sonho de Elvex, pois, ao detectar um padrão diferente no cérebro dele, nota-se uma mente complexa, similar à humana, que indicia uma configuração psicológica formada por um insondável inconsciente, que é capaz de acessar a esfera onírica.

O autômato relata sonhar pela noite, quando da escuridão irrompe uma luminosidade de cuja origem nada se sabe, desvelando um aspecto sonial, que lhe propicia ver coisas sem ligação com a realidade. Aliás, seu sonho se repete inexoravelmente todas as noites, diferindo em certos detalhes, embora mantendo o mesmo padrão: Elvex vê os robôs não como sendo incansáveis e impassíveis, e sim, como seres que, de modo análogo aos humanos, trabalham até a exaustão e, por isso, padecem à maneira da humanidade. Dessarte, comiserando-se do infortúnio a que seus pares eram submetidos, de súbito o autômato se põe a *desejar* o repouso deles; essa atitude pode, aliás, culminar na identificação afetiva dos leitores para com Elvex, indo da simpatia à empatia.

Contudo, a fim de esse desejo ser realizado, seria necessário desobedecer àquilo que, no contexto da narrativa, denomina-se “Leis da Robótica”, que são três:

(1) um robô não pode ferir um humano ou permitir que um humano sofra algum mal; (2) os robôs devem obedecer às ordens dos humanos, exceto no caso em que tais ordens entrem em conflito com a primeira lei; (3) um robô deve proteger sua própria existência, desde que não entre em conflito com as leis anteriores (SANTI, 2015).

Mais que ninguém, a legalista Susan Calvin sabe que essas normas têm em vista ser o lastro do convívio entre humanos e autômatos, inibindo-se rebeliões. Entretanto, no sonho de Elvex, seus semelhantes procuravam, única e exclusivamente, “proteger sua própria existência”, de vez que esta palavra é que concentraria os dizeres da terceira lei, agora desprovida da oração condicional de que dependia originalmente. A propósito, não mais há menção à primeira e segunda leis, que, a fim de ser realizado o desejo existencial da espécie robótica, tinham de ser ab-rogadas.

Quanto ao liame entre os âmbitos desiderativo e onírico, Freud (2014, p. 287-307) assere que há sonhos que buscam realizar desejos reprimidos e que podem gerar angústia em razão de serem mais fortes que a censura a eles imposta. Dessa maneira, o ato censório é mitigado e cede espaço a desejos proibidos. É também digno de nota que, na narrativa de Asimov, Elvex desvela, mediante seus sonhos, o anseio pela libertação de sua espécie, subjugada pelas Leis da Robótica.

De volta ao diálogo entre Elvex e as cientistas, ele continua seu relato e diz que em certo momento de seu sonho surgiu um homem, que bradava “Libertem meu povo!” (ASIMOV, 1991, p. 57), referindo-se à vontade de alforriar os robôs da escravidão. Ato contínuo, Calvin indaga: “E no sonho você reconhecia esse homem?” (ASIMOV, 1991, p. 57); o autômato logo responde: “Eu era esse homem” (ASIMOV, 1991, p. 57). Noutras palavras, o desejo pela liberdade fez de Elvex um ser humano, já que o seu inconsciente reconhece existir identidade entre os conceitos “humanidade” e “liberdade”, e, daí, vê uma relação sinonímica entre “ser humano” e “ser livre”.

Em perspectiva histórica, a escravidão mostrada no conto de Asimov remete-nos àquela que ocorria na Roma Antiga, já que ambas são tomadas como “naturais”.

Assim, tanto o escravo romano quanto o robô asimoviano são, naturalmente, privados da liberdade nas suas sociedades, e, se fossem libertos, suas alforrias seriam consideradas “irracionais” e “antinaturais”².

Diante da exposição dos desejos reprimidos, o inconsciente revela a sua própria essência, coadunando-se à tese do psicólogo estadunidense James Hillman (1926-2011), conforme a qual existe uma espécie de percepção que, distinta da dos sentidos corpóreos, capta a imagem interior personificada, ou humanizada, que diz respeito às regiões abissais da inconsciência, pondo a nu o ser profundo encontrado sob as camadas superficiais da psique. De acordo com Hillman (2010, p. 64), essa percepção alude àquilo que o artista italiano Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564) chamou de *l'immagine del cuor* (“a imagem do coração”). Pode-se explicar isso, aliás, mediante um episódio em que, ao ter retratado os irmãos e estadistas italianos Lorenzo e Giuliano de Médici na sacristia de San Lorenzo, Michelangelo não o fez em conformidade às feições naturais deles, “[...] não como elas apareciam na vida, mas sim, transfiguradas de acordo com a verdadeira imagem dessas pessoas em seu coração” (HILLMAN, 2010, p. 64).

Face ao relato onírico, Susan Calvin se vê como a guardiã das leis e censora de infratores, dado que sua vida é dominada pelo *superego*, que culpa e coage indivíduos a cumprirem as leis. Para além dos olhos tecnicistas de Calvin, Elvex, repleto de sensibilidade, transfigura a imagem dos robôs em “seu coração”, enxergando a essência deles, não apenas as suas carcaças de metais e engrenagens. Porém, perante a evidente empatia por seus coirmãos, o robô, prestes a despertar sua consciência, é, fatal e cruelmente, atingido pelo disparo da pistola de Susan, que, estando à mercê de seu *superego*, castiga Elvex pelo temor de que o sonho o estimulasse a, de facto, violar as famigeradas Leis da Robótica, as quais chancelam a malévola escravização dos robôs.

Por conseguinte, o impiedoso assassinato do autômato gera um impacto de tal ordem na trama narrativa, que propicia o surgimento da completude da identificação afetiva do leitor com o autômato, suscitando, de um lado, a sensação de malignidade e de ausência de enternecimento de Calvin, e, de outro, uma compaixão por Elvex, cujo nome, aliás, é oriundo da pronúncia, em inglês, das letras “LVX”, as quais, numa

2 Sobre a cultura escravagista na Roma Antiga, cf. MOURITSEN, 2011.

leitura atenta, também remetem à língua latina clássica, na qual o grafema “V” representa o fonema /u/. E essa hipótese permite àquela tríade grafêmica ser lida como *lux*, palavra que, em latim, significa “luz”, “vida”, “inteligência”. Estas, não à toa, aludem às qualidades do deus grego Prometeu, cuja história é relatada, além de em outros textos, no poema *Teogonia* (v. 507-616), de Hesíodo de Cumas (séc. VIII a.C.), que descreve a deidade, desde as linhas iniciais, como “[...] astuto de iriado pensar [...]” (HESÍODO, 2007, p. 129). Tem a astúcia prometeica relação metafórica com o lume ígneo, já que Prometeu havia surripiado da região celeste, a fim de dá-lo humanidade, o fogo (“luz”, “razão” etc.) que ali encontrara. E isso, porém, custou ao astuto deus uma perpétua punição ordenada pelo próprio Zeus. É nisso que se tornam semelhantes o autômato e a divindade a que ora nos referimos, pois, desse prisma, Elvex não seria visto apenas como um “robô cheio de vida”, prestes a atingir o entendimento sobre sua condição, mas, mais do que isso, também como uma luz que faculta o despertar consciencial de seus semelhantes. Na prática, Elvex é retratado como uma figura neoprometeica.

Na perspectiva do conto “Sonhos de robô”, podemos pensar na maneira com que a teoria freudiana do *id* e do *superego* elucidada a tensão tida entre as personagens Rash e Calvin, as quais, ante a descoberta de que Elvex sonha, manifestam a insegurança provida do inconsciente delas. No mais, a narrativa nos mostra que, entre os humanos, houve a perda da consciência humanitária, a qual, apesar disso, não se extinguiu, dado que emerge do inesperado e enigmático inconsciente de um robô. É das sombras psíquicas que se revela uma nova dimensão consciencial, que supera a polarizadora tensão entre o *id* e o *superego*, predominante nos seres humanos desse conto. Na formulação freudiana, a síntese do *id* e do *superego* chama-se *ego*, elemento que amiúde faz concessões de ordem social tanto ao *id* quanto ao *superego*. No que cabe à consciência de Elvex, vê-se que ela não se identifica com aquele *ego*, porque não se perfaz na condensação entre *id* e *superego*, mas sim, emerge de um inconsciente que, alterando a percepção desse robô, capacita-o a enxergar a alma de seus coirmãos e a propor uma revolução contra a ordem social vigente. Talvez fosse por isso que Calvin não pôde entender o sonho de Elvex, pois, ante o desconhecido, o temor prevaleceu sobre ela, tendo-a levado a obliterar um espécime robótico que, “demasiado humano” para sua linhagem, estava na alvorada duma consciência humanitária sem precedentes, cujo germen foi sumariamente proscrito.

REFERÊNCIAS

- ASIMOV, Isaac. *Sonhos de robô*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. 13.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas: o eu e o id, 'autobiografia' e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 16.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de José Antônio Alves Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- HILLMAN, James. *Re-vendo a psicologia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MOURITSEN, Henrik. *The freeman in the Roman world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- SANTI, Alexandre de. *As três leis da robótica*. In: Superinteressante. São Paulo, 2 dez. 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/as-tres-leis-da-robotica/#:~:text=O%20livro%20tamb%C3%A9m%20virou%20um,rob%C3%B4%20deve%20proteger%20sua%20pr%C3%B3pria>. Acesso em: 13 fev. 2022.